História da Arquitectura da Pré-História à Idade Média

Império Bizantino - Basílica Santa Sofia

ISMAT - Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes | Arquitectura

2º Ano | 2º Semestre | Turma da Noite | Ano 2010 -2011

Professor: Mestre Valdemar Coutinho

Aluno: Bruno Silva Nº20081788

Índice **pág.**

1. Civilização Bizantina: Origens de Constantinopla 1
1.1. O Império Bizantino 3
1.2. História Política 3
1.3. Equilíbrio 6
1.4. Religião 7
1.5. O Direito 8
1.6. Principais Dificuldades 8
1.7. O Declínio do Império 9
2. Bizâncio 9
2.1.Civilização Bizantina: Aspectos Culturais 9
2.1.1.Educação e Ensino 10
2.1.2. Literatura e Música 11
3. A Arte Bizantina 12
3.1.Mosaicos 14
3.2. Arquitectura 15
4. Basílica Santa Sofia 18
4.1. O exterior - Nártex exterior 19
4.2. Nártex interior 20
4.3. Nave Central 20
4.4. A cúpula 21
4.5. Abside 21
4.6. Paredes 22
4.7. Colunas 22
4.8.Capiteis 23
5. Conclusão 24
6. Bibliografia 25

1. Civilização Bizantina: Origens de Constantinopla

Constantinopla antes de ser fundada por Constantino no ano 330d.c. era denominada Bizâncio, que foi uma colónia da cidade grega de Megara.

O nome Bizâncio que advém de Bizas, permaneceu até que Constantino, O Grande, a transformou na sua nova capital, denominando-a Nova Roma e que posteriormente tornou-se conhecida como Constantinopla (cidade de Constantino).

As razões para que Constantino fundasse a cidade, considerando-a nova capital do Oriente foram de ordem estratégica, económica e política. A primeira refere-se às necessidades de defesa e de unificação do Império Romano – Roma localizava-se em uma parte muito afastada das fronteiras e sempre sofria ameaças de ataques bárbaras; além do mais estava localizada no centro do Mediterrâneo, cujo eixo económico declinara. Importava tudo das províncias e apresentando uma agricultura estagnada, não tinha condições de reactivar o comércio no Mediterrâneo.

Contrapondo-se a essa situação a parte oriental do Império possuía cidades florescentes, um activo intercâmbio comercial e uma produção agrícola e artesanal desenvolvida.

Sua localização geográfica proporcionava uma defesa natural à cidade – ao sul estendia-se o mar de Mármara, e, quase no ponto em que o Bósforo desaguava nesse mar, uma estreita enseada avança ao longo da costa setentrional da península triangular para formar um perfeito porto. É o Corno de Ouro assim chamado por causa de sua configuração e da riqueza que o comércio com o mundo lhe proporcionou.

(localização)

O comércio era favorecido pela situação geográfica, que lhe permitiu dominar várias rotas comerciais: norte-sul, da Rússia ao Mediterrâneo, dessa rota saindo dos portos da Rússia meridional e do Danúbio, e atravessando o Mar Negro, os navios transportavam trigo e peles, caviar e sal, mel e ouro, cera e escravos. Do sul, dos ricos

jardins da Anatólia e dos celeiros do Egipto, vinham víveres para alimentar a população da cidade.

Rotas terrestres de Constantinopla ligavam a Ásia à Europa Oriental desta forma marfim e âmbar, porcelana e pedras preciosas, sedas e damascos, aloés e bálsamo, canela e açúcar, almíscar e gengibre outras especiarias e medicamentos passavam por e para Constantinopla advindos da Índia, Ceilão e China.

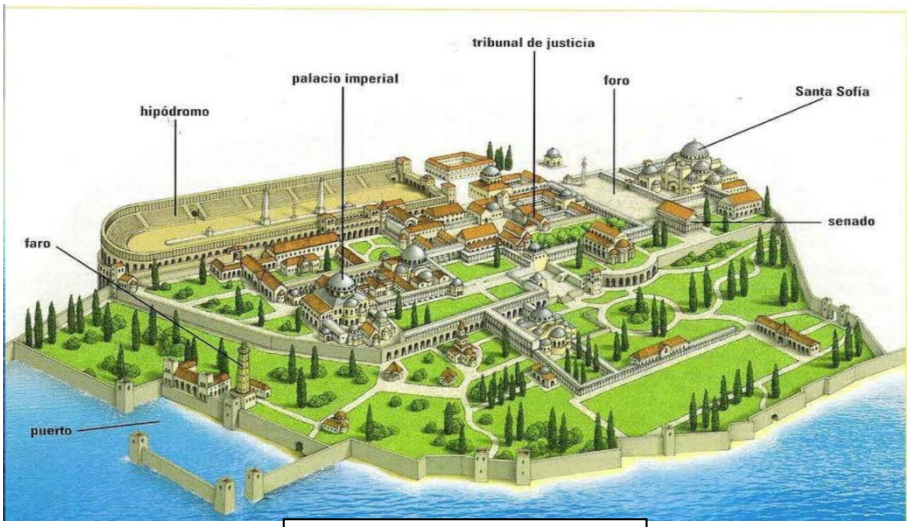
Para estabelecer em Bizâncio a capital de Roma, Constantino procedeu à construção de uma nova cidade.

Constantino transferiu o quanto pode estátuas e obras de arte antiga que passaram por suas mão, entre as quais, o chamado javali de Calidon e a coluna serpentina de Delfos; de todas as partes do mundo cristão foram trazidas relíquias estas que ficavam depositadas nas igrejas, santuários e capelas, encerradas em caixas de ouro e prata, ornamentadas com pedras preciosas e às vezes embrulhadas em pano de seda.

A cidade constituía uma verdadeira fortaleza, estava rodeada por uma linha de muralha tríplice, torres de vigia e um fosso profundo que guardavam o lado continental da mesma, enquanto que pelo litoral, ancoradouros murados e uma corrente de um lado a outro do Corno de Ouro protegiam os navios dos ataques por mar.

A muralha apresentava vinte quilómetros e cinquenta portas fortificadas, qualquer força que tentasse atacar as defesas ocidentais teria de enfrentar um fosso largo, depois um aterro protegido por um parapeito, depois uma alta muralha externa, com torres a intervalos regulares, e finalmente uma ainda mais alta muralha interna, reforçada por torres de vinte metros de altura de onde os defensores podiam controlar todos os acessos.

A vida da cidade concentrava-se em torno de três grandes estruturas ou grupos de edifícios: o Hipódromo, o Sagrado Palácio Imperial e a Igreja de Santa Sofia que representavam os três componentes do mundo bizantino, o povo e a religião.



(Constantinoplia)

1.1. O Império Bizantino

A história da civilização bizantina abrange todo o período da Idade Medieval, apresentando como diferente do padrão cultural ocidental, a sua constituição oriental era patente – maior parte de seu território localizava-se no oriente (Ásia Menor, Palestina, Síria e Egipto).

De 330 d.c. a 1453 d.c., tempo de duração, as fronteiras do seu território alterou constantemente – na época de Justiniano (século VI), estendia-se da Espanha, no oeste, a planícies da Mesopotâmia, no leste, e do Mar Negro e do Danúbio, ao norte, à orla costeira da África Mediterrânea. No sul, nas últimas décadas da dinastia dos Paleólogos, período final de Bizâncio, as fronteiras do Império haviam encolhido até abarcar apenas a própria cidade e partes da Grécia meridional.

O IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE NO REINADO DE JUSTINIANO (527 - 565)

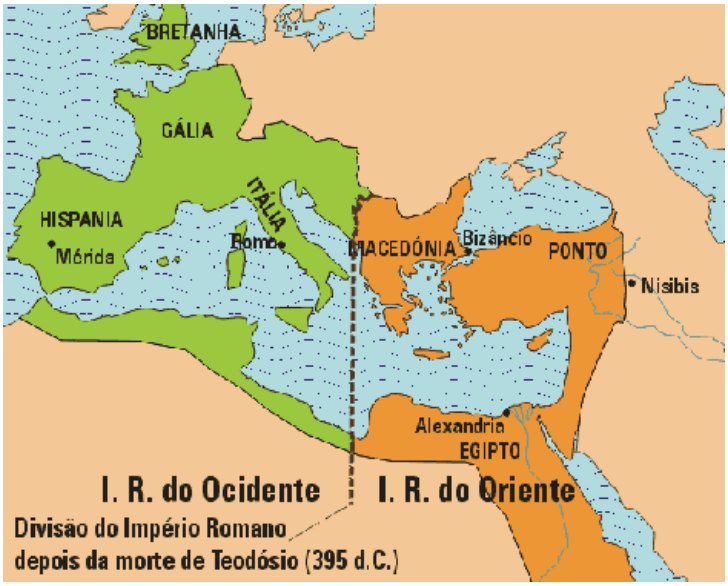
1.2. Império Bizantino: História Política

Quanto ao desenvolver histórico, constata-se que tanto o século IV quanto à fundação de Constantinopla em onze de Maio de 330d.c., representara apenas o início do que viria a ser o Império Bizantino, uma vez que até então, ele não era ainda considerado o centro indispensável do governo e nem o cristianismo ortodoxo estava completado.

Em 337d.c., com a morte de Constantino, o poder foi sucedido por seus filhos: Constantino II, Constâncio II e Constante I, entretanto com a morte dos outros dois irmãos, Constâncio reinou até sua morte em 361. Seu governo enfrentou vários problemas entre os quais a derrota do usurpador Magnêsio em 351, a ameaça das invasões persas, além desses, enfrentou também o recrudescimento das acções germânicas no Reno e Danúbio, devido às pressões que estes estavam sofrendo por acção dos hunos (povo mongol).

Com a morte de Teodósio, "o Grande" ocorreu à separação entre o Ocidente e o Oriente; a unidade ainda resistiria, quando o Império fora dividido em 395, entre seus filhos (Honório e Acádio) pela actuação do regente dual, Estilicão. Este tentou impor-se ao Imperador do Oriente, Arcádio, o que provocou acirrada inimizade por parte dos ministros orientais.

O rompimento definitivo do Império do Oriente com o Ocidente, ocorreu em 408 d.c.



O século V presenciou o declínio do império no Ocidente, devastado pelos bárbaros, e até a abdicação de Rômulo Augusto em 476 d.c., e a morte de Júlio Nepos em 480, ninguém no Ocidente teve o título de imperador. Enquanto que o Oriente, fortalecido pelo legado de Teodósio, "o Grande", e com uma capital invencível, parecia aos bárbaros demasiada forte para ser atacado. Os bárbaros que cruzaram o Danúbio e atacaram os Bálcãs voltaram-se para o Ocidente, suas surtidas pouco afectaram o Oriente, até que em 439 d.c., os vândalos se estabeleceram na África e lançaram de Cartago, uma esquadra que destruiu o monopólio romano do mar. Os portos mediterrâneos, outrora seguros, tiveram de construir fortificações, e Constantinopla teve de enfrentar o problema dos vândalos.

Justiniano governou de (527 a 565)d.c., seu reinado ficou sendo denominado de Primeira Idade de Ouro bizantina, mesmo não conseguindo corrigir as fraquezas e perigos presentes, reorganizou o sistema administrativo e social, além de lançar bases sólidas de jurisprudência (em Digesto), no chamado "Código Justiniano" que associou grande parte da legislação romana com tópicos da religião cristã.

Desta forma no Oriente, diferentemente do Ocidente, (onde no decorrer do tempo houve a distinção entre Estado e Igreja), a fusão entre Estado e Igreja se fez presente.

A Igreja enriquece e seus altos membros, tornam-se poderosos, mas o governante soberano dos assuntos mundanos e da fé é o Imperador.

Justiniano descendente de uma família de camponeses balcânicos, os retratos de Justiniano em mosaicos mostram que era um homem de estatura mediana, cabelo escuro com uma fisionomia afável sem ares de imperador, entretanto seu governo, embora afável, foi também vigoroso tendendo à arrogância. Assumiu o poder aos quarenta e cinco anos de idade, quando o imperador seguia um regime austero, levantava-se cedo e ocupava-se dos negócios do Estado até tarde, além de estudar direito, teologia, música e arquitectura.

Justiniano e Teodora

A obsessão de Justiniano era restituir o antigo Império Romano em toda a sua extensão geográfica, tanto como em suas características internas, a respeito disso escrevera: "Temos boas esperanças de que Deus nos permitirá reconquistar as terras do velho Império Romano perdidas por indolência".

Teodora foi sua esposa, esta que fora actriz, cortesã, filha de um guardador de ursos no Hipódromo detinha várias qualidades entre elas a inteligência, coragem e compaixão. Durante os tumultos de Nika dizem que fora ela quem impediu Justiniano de fugir dizendo:

"Acho que agora mais do que nunca a fuga é desaconselhável, mesmo que traga segurança". "Uma vez que nasce, é também inevitável que o homem tenha de morrer. Mas, para um imperador, tornar-se um fugitivo é uma coisa intolerável. (...) Se desejas fugir para um lugar seguro, Imperador, isto facilmente se faz. (...) Eis aí o mar, aqui estão os navios. Mas quanto a mim, fico com a velha máxima que diz que a realeza é uma excelente mortalha".

1.3. Império Bizantino: Equilíbrio

O equilíbrio que proporcionou a longa duração do Império deveu-se a vários factores: 1) o conservadorismo de uma sociedade predominantemente oriental avessa às mudanças sociais violentas que ajudou a preservar-se de rápido declínio.

2) com maior influência os factores geográficos e económicos – geograficamente Constantinopla encontrava-se cercada de água e de alta muralha facilitando defesa a ataques e economicamente o governo bizantino não sofrera um declínio comercial e industrial como na Itália; o reinado possuía muito tesouro que permitia aperfeiçoar as defesas.

Economia – O Estado exercia o controle absoluto sobre quase todos os géneros de actividade. O salário de cada trabalhador e o preço de cada produto era fixado por decreto governamental.

O produtor não tinha liberdade, não podia determinar quantidade ou qualidade da matéria-prima nem o total da produção de condições pelo qual venderia o produto.

As principais "empresas" industriais que o governo possuía e movimentava eram a pesca da púrpura ou múrice, minas, fábrica de armamentos e estabelecimentos têxteis. O governo tentou estender o monopólio a industria da seda, entretanto, não conseguindo atender aos pedidos, foi preciso permitir que as manufacturas particulares reiniciassem a produção.

Actividade Rural – A terra dividia-se em propriedades extensas e com excepção de regiões acidentadas e montanhosas havia pouco lavradores independentes, já nas áreas mais privilegiadas a população agrícola se consistia quase que inteiramente de rendeiros e servos.

Outra característica foi à concentração agrária nas mãos da Igreja, os mosteiros eram os mais ricos proprietários dos pais. Devido às dificuldades da lavoura, grande número de lavradores procurava refúgio no claustro doando suas terras às instituições que os admitiam.

Apesar de ter havido uma transformação económica, nos séculos VII e VIII no qual os servos recuperaram sua liberdade tornando-se donos das terras que cultivavam, por volta do século IX as grandes propriedades haviam reaparecido, sucumbindo à classe dos camponeses independentes.

1.4. Religião

O povo bizantino tinha um grande interesse pela religião, desta derivou os movimentos monofisita e iconoclasta que não se reduziam apenas ao carácter religioso.

Os Monofisitas eram aqueles que afirmavam que Cristo possuía apenas uma natureza – a divina o que contradizia a doutrina oficial do cristianismo. O auge desse movimento que se iniciara no século V, ocorreu com Justiniano (527-565)d.c., este ao ocupar-se dessa seita ambicionava unificar seus súbitos dentro de uma única fé e também conquistar o apoio de Roma, contudo, não reprimia os monofisitas devido à força destes e ao fato de sua esposa Teodora pertencer à seita.

No século VII os monofisitas se separaram da Igreja oriental, sobrevivendo até hoje no Egipto, Síria e Arménia.

Outro movimento, o iconoclastico, ocorreu em 725d.c. por decreto de Leão III proibindo o uso de imagens nos templos. Na igreja oriental ícone era o nome dado a qualquer imagem de Deus, de Cristo ou santo; iconoclasta ou quebradores de imagem foi como se tornaram conhecidos os que condenavam o uso de ícones no culto.

O movimento iconoclástico representou, assim como o monofisismo, uma oposição a tudo que fosse sensual ou material na religião, um protesto contra o paganismo e o mundanismo da Igreja e representou principalmente uma contraposição de certos imperadores contra o crescente poderio do sistema eclesiástico. Esse poderio crescente se deveu ao fato de que os mosteiros além de absorver a riqueza nacional, afastavam o homem do serviço militar e das ocupações úteis.

O movimento perdurou até século IX conseguindo eliminar as esculturas, pois os ícones pintados acabaram sendo novamente aceitos. Ele também representou o conflito entre tradições romanas e as orientais - os que defendiam o uso da imagem acreditavam em geral numa religião eclesiástica onde símbolos e cerimonias são necessários para o culto.

Os opositores defendiam a volta à espiritualidade do cristianismo primitivo condenando a veneração de objectos e qualquer forma de instituição.

Os ideais iconoclastas se assemelhavam aos dos reformadores protestantes do século XVI. Também se constituiu em um importante factor da separação entre os cristãos orientais e ocidentais.

iconoclastia - oposição as imagens religiosas

1.5. O Direito

As leis romanas no século VI estavam obsoletas e eram contraditórias, muitos dos princípios legais não eram aplicados, devido principalmente ao regime de despotismo oriental e à adopção do cristianismo como religião oficial.

Em 527d.c. Justiniano determina uma revisão e uma codificação do direito existente para harmoniza-lo com as novas condições, adoptando-o como base legal do seu governo. Para efectuar a revisão nomeou uma comissão de juristas, cuja supervisão coube ao ministro Triboniano.

1.6. Império Bizantino: Principais Dificuldades

Vários factores explicam o sucesso das revoluções, um deles refere-se ao apoio do exército que devido a sua força elevou ao trono muitos imperadores, os soldados eram totalmente devotos as seus generais.

Além do exército as revoluções contavam com a população de Constantinopla, composta de aventureiros, ladrões, mendigos quase sempre descontente e atenta a insurreições das quais pudessem tirar proveito, esse povo, muitas vezes organizava a revolução, como ocorreu em 532 – Sedição de Nika que quase derrubou Justiniano; Revolução de 1041 – quando Miguel V destronou Zoe, e o povo a defendeu incisivamente.

Essas revoluções tiveram como consequência directa o desenvolvimento de guerras civis que se agravavam quando os inimigos dessas lutas pediam auxílio de estrangeiros (búlgaros, sérvios, turcos) e em troca lhes ofereciam porções de territórios bizantinos.

Lutas entre partidários e adversários de uma possível união com Roma na qual se rivalizavam genoveses e venezianos; apelo aos turcos que cada vez mais intervinham nos negócios do Império – tudo isso contribuiu para a decadência do Império bizantino.

Problema religioso – esta questão foi de suma importância, enquanto a Igreja romana, governada por grandes papas tornava-se um poder independente, a Igreja oriental era obediente às ordens dos soberanos; essa Igreja se constituiu em um instrumento a serviço da política imperial.

1.7. O Declínio do Império

Devido a toda problemática, discutida, presente nos sectores político, económico, social, religioso, que geraram vários conflitos, podemos afirmar que estes se constituíram em elementos internos de desagregação que facilitou as acções dos inimigos e a consequente ruína do Império Bizantino é talvez a primeira causa do colapso do Império Bizantino".

2. Bizâncio

O desenvolvimento económico, cultural e urbano do Império Bizantino, em especial Constantinopla (um dos maiores centros urbanos do mundo), fez com que, o Ocidente absorvesse muito de sua cultura.

No século XII, por exemplo, a arquitectura ocidental se inspirou nos modelos bizantinos – as igrejas: Aix-la-Chapelle (erguida a mando de Carlos Magno) e a catedral de São Marcos (Veneza), além da arquitectura também a pintura e escultura tiveram inspiração bizantina.

Também foi através do Império Bizantino (com Justiniano) que o Direito Romano, antes esquecido pela própria Itália durante a Alta Idade Média, fora sistematizado.

A ciência antiga, bem como a filosofia grega divulgou na Europa Cristã graças a Bizâncio; nessa última temos o caso de Aristóteles (por intermédio dos muçulmanos ibéricos) e, directamente, no caso de Platão. Assim Bizâncio foi responsável pelo fornecimento de todo material que a Europa, sobretudo a Itália, precisou para produzir o Renascimento dos séculos XV e XVI e com ele entrasse na Modernidade.

Os três componentes históricos de Bizâncio: tradição helenística, tradição romana e religião cristã tornaram-no diferente do Ocidente, no qual a tradição helenística era fraca e os elementos latinos e germânicos foram fundidos formando a civilização ocidental cristã. Em decorrência disso o Império Bizantino também se diferenciava do mundo muçulmano, no qual a tradição helenística misturou-se à árabe-persa através da religião islâmica.

Desta forma, Bizâncio se aparentava mais ao Ocidente e ao Islã do que esses dois entre si, tornava-se uma espécie de mundo intermediário entre as duas sociedades.

2.1.Civilização Bizantina: Aspectos Culturais

2.1.1.Educação e Ensino

A educação em Bizâncio era extremamente valorizada, sendo considerada uma virtude e um dever; acreditavam que ela garantia uma superioridade em relação a outros povos, entre os quais os bárbaros, que para eles eram ignorantes.

A base da educação consistia no conhecimento da cultura clássica- língua e literatura do mundo antigo.

Por volta dos seis anos iniciavam seus estudos com a Gramática (helenização da língua), nela estudava-se além da leitura e da escrita, o conhecimento e o comentário das obras clássicas, principalmente a de Homero.

Aos quatorze anos, estudavam Retórica, que incluía a correcção da pronúncia e o estudo de autores como Demóstenes. Após isto se estudava uma terceira ciência - a Filosofia; e as quatro artes – Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Além dessas, podia-se acrescentar Direito, Medicina e Física.

O grego e o latim foram ensinados até a época de Justiniano, mas este lentamente foi decaindo, no século VII o grego tomara-lhe completamente o lugar

Por todo o Império se distribuíam os grandes centros de cultura dos tempos pagãos: havia escolas em Alexandria, Beirute, Antioquia e Atenas; Constantino fundou na nova capital uma escola e Teodósio II, em 425, inaugurou a Universidade de Constantinopla.

Entre os séculos VII e IX a cultura bizantina passa por um momento crítico – Justiniano, em 529, fecha a escola de Atenas e os muçulmanos tomam as outras três - Antioquia, Alexandria e Beirute. Entretanto, para quem pudesse pagar, existiam professores particulares.

Contudo foi na Engenharia que os bizantinos se destacaram, seus feitos práticos foram de grande importância: a perfeição das abóbadas, sistemas de abastecimento de água e drenagem (cujos sistemas vieram dos romanos). Além desses, elaboravam brinquedos, relógios; e no palácio havia leões artificiais que uivavam e um trono que se elevava de grande engenho mecânico.

2.1.2. Literatura e Música

A literatura clássica, era abrangida no estudo da gramática, priorizava autores clássicos, sobretudo Homero - depois da Bíblia, a Ilíada e a Odisséia eram os livros mais conhecidos.

O estudo da Filosofia era bastante apreciado pelos bizantinos, podemos destacar: Leão, o filósofo, que estudou, sobretudo Aristóteles além de Platão, Epicuro e os neoplatônicos; Psello liderou o reflorescimento do neoplatonismo; Miguel Acomitato que preferiu o estoicismo ao aristotelismo.

Entretanto a filosofia bizantina não era original, com excepção de Jorge Gemisto – Pleton neoplatônico, que indiferente ao cristianismo teve maior liberdade de pensamento. A relação existente entre ensino filosófico e o ortodoxo dificultavam o florescimento de um pensamento original e crítico.

Outro destaque além da literatura foi a História, muito enriquecida pelos bizantinos graças ao discernimento e maturidade crítica dos seus historiadores. Dentre os principais temos: Procópio que no século VI, relatou com vigor as guerras de Justiniano; no século XI Psello também escreveu na área da história, narrando este período; Ana Comnena descreveu o reinado de seu pai (Imperador Aleixo I). Também temos as memórias de João VI Cantacuzano, redigida depois de sua abdicação ao trono em 1354, que se constituiu em importante fonte de informação sobre as regiões balcânicas no século XIV.

Observa-se que a história não era considerada uma matéria erudita, mas sim de interesse geral, os bizantinos gostavam de ler a respeito de suas glória imperiais do passado.

A Música bizantina associava-se a teologia, tendo desenvolvido os Hinos poéticos, cuja letra tem grande importância literária. Apresentavam uma combinação da beleza lírica com a intensidade dramática e humana expressas em um animado diálogo que lembra a tragédia grega ou os autos sacramentais da Idade Média da Europa Ocidental.

Os principais grandes hinólodos foram: Romano, o Melode, diácono do século VI, João Damasceno que no século VII, criou um dos mais belos hinos da Igreja Cristã Bizantina e no século IX destacou-se Cásia, uma monja.

Os hinos bizantinos eram compostos de acordo com um sistema de sinais, que eram desenhados acima das palavras gregas. Esses sinais dão os intervalos, ritmos e acentos a serem seguidos a partir de uma nota inicial.

3. A Arte Bizantina

A arte bizantina apresentou épocas de grandeza e de decadência, evoluiu e transformou-se pelos seguintes períodos: primeira idade de ouro- século VI, segundo período de ouro nos séculos X e XI (entre esses dois últimos tivemos a época dos imperadores iconoclastas) e nos séculos XIV e XV uma última fase bastante esplendorosa, renovada e transformada.

Embora essencialmente religiosa, a arte bizantina apresentou também um ramo profano que se dedicou a apresentar os retratos de soberanos, grandes cenas históricas e episódios mitológicos que se desenvolveu principalmente entre os séculos X e XII, apesar de ter cedido espaço à essência religiosa, temos, como exemplos, mosaicos como os de São Vital e as miniaturas dos manuscritos.

Várias foram às influências externas que conformaram a arte bizantina, além da contribuição de Roma foi, sobretudo, do Oriente asiático que adquiriu suas principais características- sobriedade e graça da Grécia com o realismo vivo e dramático do Oriente (Síria ou Pérsia).

Nos fins do século III a influência da arte greco-romana declina, a graça, a minúcia dos detalhes, a delicadeza do desenho e o equilíbrio da composição, a perspectiva brilhante, a anatomia cuidadosa, todo esse naturalismo helénico será, no século IV desprezado pelo oriente. As religiões de origem Síria, ou Síria-egípicia que se tornaram mais populares, buscavam uma arte que despertasse uma emoção intensa, realista, que falasse sem concessões, essas eram, aliás, as características da arte aramaica – que o cristianismo triunfante abraçou, já que se adequava com tais concepções, não ocorrendo o mesmo em relação ao helenismo.

O Oriente também contribuiu com a concepção de soberania advinda da Pérsia dos Sassânidas que apresentava uma majestade mais simples que a romana. As representações romanas do imperador, tanto a escultura, quanto à pintura, que se caracterizavam pelo porte magnífico que o distinguia dos súbitos, foi substituída por uma arte impessoal e simbólica que o cristianismo completa ao exigir da arte o apelo ao emocional ao invés da perfeição técnica.

Apesar disso o helenismo não deixou de existir; as várias áreas da arte bizantina apresentam o elemento helénico ou oriental em proporções diferentes – enquanto a pintura e a escultura eram frequentemente influenciada pelo helenismo, a arquitectura, apresentou-se bastante original, com linhas próprias.

No século VI com Justiniano a arte bizantina toma essa característica de se apropriar às necessidades cristãs diferenciando-se do estilo clássico – o baixo relevo e um desenho quase abstracto, substituem o alto relevo e o naturalismo dos tempos clássicos.

Na primeira idade de ouro, que inclui a era de Justiniano, a inspiração artística se associa ao poder; os artistas estabelecem um paralelo entre a corte celeste e a corte

imperial. O tipo iconográfico do arcanjo ou anjo alado defensor da corte celeste (guardas do palácio) aparece.

Após a crise iconoclasta, tem-se um novo desenvolvimento, é a segunda idade de ouro, que a partir do século X apresenta um retorno às influências helénicas, entretanto, a simplicidade e a força da escola bizantina permaneceram. Houve o reflorescimento de temas clássicos que se fundiram com o gosto oriental caracterizada por uma decoração vegetal e geométrica com cores vivas. O produto dessa fusão resulta em mudança de estereótipos e esquemas dos desenhos – rosto oval, imberbe, olhos grandes, abertos, cores vivas e sem matizes dão lugar a figuras esbeltas, elegantes, de modelos mais delicados e cores mais discretas.

A última fase de ouro da arte bizantina assinala uma "renascença", tecnicamente há uma ênfase na perspectiva, profundidade, movimento e expressões; o helenismo retorna, removendo a austeridade e o dogmatismo e imprimindo temas mais variados, humanos, narrativos, próximos dos poemas épicos. Os temas sagrados voltam-se para o pitoresco, para a vida, a elegância e a graça das composições é realçada pelo sentimento vivo e pela harmonia das cores.

Características Básicas da arte bizantina

O Império Bizantino apresentou grande duração, extensão geográfica, e variadas influências, incluindo as do Islão, sua arte, entretanto, detém algumas características básicas:

- Foi essencialmente uma arte cristã, dedicada ao serviço da Igreja sendo utilizada para ilustrar e desenvolver a liturgia.

- Foi também uma arte imperial, uma vez, que o imperador necessitava conjugar seu poder com a concepção cristã do mundo, ele era escolhido por Deus para ser seu representante na terra. Desta forma, a arte exaltou a grandeza sobre-humana do imperador, utilizou objectos preciosos para realçar seu prestígio, além de considerar muitos mosteiros fundações imperiais.

- Era oriental quando substituiu o relevo pelas formas planas, a plástica; a escultura de vulto redondo da arte clássica passa para segundo plano, praticamente desaparecendo. Nessa área a contribuição bizantina foi na ornamentação arquitectónica – placas rectangulares de pedra com cruzes, combates de animais, etc. Os monumentos arquitectónicos eram concebidos como massas equilibradas, de materiais flexíveis, mas pouco nobres (ladrilhos, pedras) – exteriores austeros e interiores suntuosos e brilhantes, que busca efeitos especiais através dos jogos de luzes e sombras.

- Também se torna oriental pelo gosto decorativo. A paixão pelo ornamento que substitui a forma, o apreço pelo abstracto ao invés do realismo, à preferência pelo brilho do ornamental e precioso à harmonia do Austero, da supremacia da cor. Com isso procuram utilizar materiais ricos: alabastros, jaspes, pórfiros, pedras preciosas, sedas, esmaltes; daí também os trabalhos em mosaico (dão a impressão de movimento, no qual a vista não se fixa num ponto determinado).

- A arte clássica não se perde, apesar disso, e influi também nos motivos e ideias.

- O cuidado e o interesse com a figura humana estavam presentes na arte bizantina (representações individuais da família imperial); ela representava residência do espírito e da fé, os seres humanos são arquétipos afastados da realidade visual (forma e proporções eram previamente estabelecidas). Assim se copiava um determinado modelo o que gerava certa monotonia, implicava na submissão à Igreja e na crença na eficácia da imagem (seu poder estava ligado à fidelidade dos protótipos). A paisagem e natureza são concebidas como um elemento que contribui para ornamentar uma determinada cena ajudando a, por exemplo, perfilar elementos e compor o conjunto.

A lógica visual não coincide com a construtiva; o fundo dourado atua como limite de personagens, naturezas e arquitecturas que parecem aproximar do espectador formando uma espécie de perspectiva invertida. Ao longo estende-se o absoluto - arte bizantina quis evidenciar o invisível.

3.1.Mosaicos

Os mosaicos adornavam pisos e paredes de vilas particulares, palácios imperiais, abóbadas e cúpulas de igrejas, sendo das artes pictóricas a mais esplendorosa. Seu desenho era simples, ousado e de cores contrastantes causando maior impacto quando visto de longe; aproximando-se era possível observar os encurvamentos das linhas de pedra, a gradação das cores obtidas por meio do emprego de pedras de matizes variadas e o fundo realçado pela coloração dos cubos.

Apresentaram influências do naturalismo e dos orientais, deste último, apreenderam a utilização de animais fabulosos, pavões de forma decorativa e não como tema principal; no século VI o orientalismo se intensifica na estilização rígida, entretanto viva.

No período médio da história bizantina e mesmo na maioria dos mosaicos de outras épocas, há o predomínio da forma hierática – quer dizer santa ou sagrada, com um estilo rígido, formalizado, destinado nem tanto a pintar homens ou acontecimentos, mas inspirar reverência e meditação. Nesta forma, havia a preservação de normas fixas de conformação do mosaico quanto às medidas e proporções; um homem, por exemplo, devia medir um número específico de cabeças, seus cabelos deviam se elevar a um determinado comprimento acima da testa, etc.

Observa-se que apesar disso o estilo apresentou alterações durante a escola hierática – inicialmente prevalecendo o estilo clássico da Grécia e Roma (tridimensionalismo), depois o ascetismo oriental (abstractíssimo com redução de padrões) e por último o naturalismo (revelando profundeza e compaixão).

Os mosaicos de chão tinham uma função mais decorativa e afastavam-se da tendência helénica e tornaram-se raros após o século VI, quando são substituídos por

pisos que são cobertos com grandes formas geométricas, de mármore colorido.

(mosaico, Teodora e a sua corte)

3.2. Arquitectura

A arquitectura bizantina desenvolveu linhas próprias, apresentando avanços constantes de técnica, sendo que pouco restou da arquitectura secular (palácios, vilas, banhos públicos) deste permaneceram principalmente muros, cisternas, aquedutos da engenharia romana. São os edifícios eclesiásticos, principalmente as igrejas, os que mais conseguiram permanecer conservados.

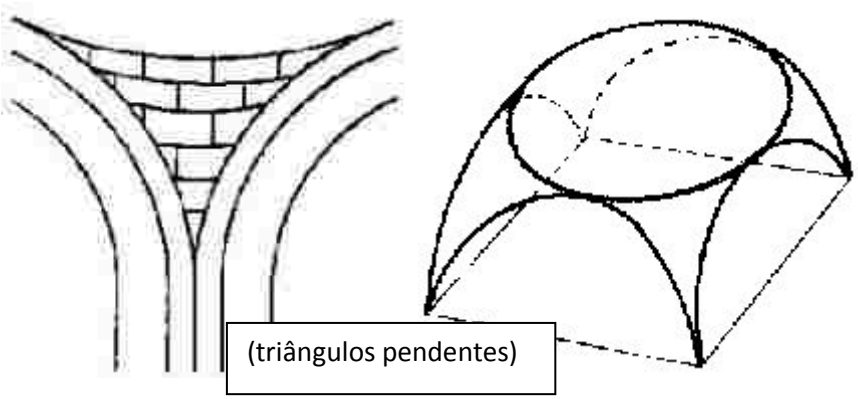
A raízes do estilo bizantino advinham do século IV e V das cidades gregas de Pérgamo, Éfeso, Mileto entre outras próximas da costa egéias da Anatólia, destes vieram os elementos básicos da arquitectura bizantina – a construção de abobadas múltiplas, a cúpula e o plano centralizado.

O plano centralizado derivou em parte da forma centralizada dos túmulos gregos e romanos, mas principalmente das basílicas gregas do século V (eram igrejas oblongas) que tinham o costume de celebrar a missa em toda nave central (e não em uma extremidade), enquanto os fiéis se distribuíam em três naves laterais. Entretanto um plano longo e rectangular de basílica era inadequado a um ato litúrgico que ocupava somente a área central; desta forma adoptam a forma de cruz.

O elemento primordial da arquitectura bizantina foi à abóbada, que se constitui em seu principal legado uma vez que os arquitectos precisam criar uma forma de fixar a cúpula sobre uma base quadrada. A forma mais simples era de sustenta-la em consolos, o que poderia provocar elipses; outras duas formas mais técnicas foram:

1) Usar pedículos (pendentes) - eram triângulos que se elevavam dos ângulos do rectângulo e se curvavam unindo-se num círculo.

2) Usar arcos – Pequenas abóbadas absidais ligando os ângulos do rectângulo, seja num tambor quadrado ou ao nível dos principais arcos de suporte.



A pressão das abóbadas era contrabalançada por órgãos de botaréu embutidos na massa do edifício e que se expressam através dor arcos – berços dos nichos e dos muros de arrimo.

A arquitectura bizantina desenvolveu-se em três períodos: o Primeiro período - século VI a meados do IX - se caracterizou por uma activa experimentação no traçado, estabelecendo um tipo padrão de Igreja centralizada.

A igreja dessa época era pequena, contendo um núcleo cruciforme, grossos pilares sustentando a cúpula sobre a intersecção dos braços da cruz e abóbadas cilíndricas estendendo-se sobre cada um dos quatro braços. Áreas abobadadas adicionais eram colocadas nos ângulos formados pelos braços da cruz, dando ao edifício um plano rectangular.

Apesar de pequena esse tipo de Igreja apresentava em seu interior um efeito de vastidão e claridade conseguidas através da simplicidade dos pilares e arcos e pela luz brilhante e uniforme que vinha de amplas janelas situadas na cúpula e nas paredes.

O exterior era singelo composto apenas por formas geométricas simples e janelas desadornadas e com apenas um arco. Esse tipo cruciforme – copular propagou-se à Grécia e Anatólia, enquanto as regiões mais distantes tiveram estilos próprios e independentes dessa arquitectura.

O Segundo período – séculos IX e meados do XIII – foi marcado não por um tipo específico de Igreja, mas quatro tipos centralizados diferentes, consistindo cada um deles em um núcleo copulado com varias combinações da cruz, do octógono e do quadrado. Quase todas eram pequenas e as mais comuns inscritas em um quadrado (descendia provavelmente da igreja cruciforme da primeira fase).

A cruz inscrita no quadrado apresenta as áreas abobadadas nos ângulos dos braços da cruz, unidas ao núcleo cruciforme – isso era conseguido pela redução do tamanho das pilastras de suporte da cúpula. Esse elo dava à Igreja a aparência de maior amplitude, além de uma maior complexidade e subtilezas não presentes na primeira fase.

Também desaparece, nesta fase, a simplicidade e a claridade – a abertura da janela anteriormente abarcada por um único arco, agora se divide em dois ou três e as janelas e são menores e menos numerosas.

Nesse período as superfícies foram delicadamente trabalhadas – detalhes em pedra lavrada ornamentavam os interiores e nos exteriores ladrilhos eram dispostos em desenhos decorativos. Exteriormente o perfil dos edifícios torna-se mais complexo: a cúpula assentava-se sobre um alto tambor cilíndrico, haviam vários níveis de telhados, botaréus e meias colunas de tijolos projectavam-se do corpo da igreja.

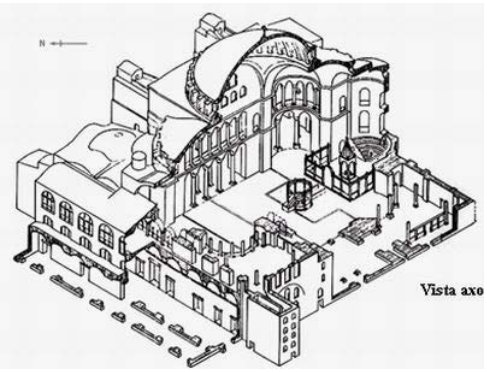
Durante esse período várias escolas arquitectónicas locais surgiram: Capadócia (centro-oriental da Anatólia) – construiu minúsculas igrejas encravadas na rocha viva; na Grécia os exteriores são ornados com alvenaria de tijolos; na Itália a arquitectura era provinciana e influenciada pelo estilo ocidental com excepção da Igreja de São Marcos em Veneza (esta na verdade uma cópia, do século XI, de um original do século VI – a Igreja dos Santos Apóstolos, de Constantinopla, construída por Justiniano no mesmo lugar da igreja do mesmo nome erigida por Constantino).

No último período que durou até 1453, a maior parte desses estilos perdurou com algumas diferenças – no último período os arquitectos acentuaram a verticalidade do interior e exterior, através não apenas do acréscimo de elementos como colunas, pilastras e botaréus, mas também pelo aumento real dos edifícios. Além disso, enquanto no segundo período as igrejas tinham em comum apenas uma cúpula, as do último, frequentemente, tinham cinco (uma grande cúpula no centro e uma menor em cada canto).

4. Basílica Santa Sofia

Santa Sofia (Hagia Sophia) sagrada sabedoria – Com mais de 30 metros de um lado ao outro e 53 metros de altura, o interior abobadado ultrapassava em tamanho todas as igrejas da Europa. Edificada por Justiniano em 537, foi por nove séculos o centro que comandou o mundo ortodoxo cristão, dela os missionários propagavam a cultura bizantina em toda a Europa Oriental e na Rússia até a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453 que converteu a igreja em mesquita.

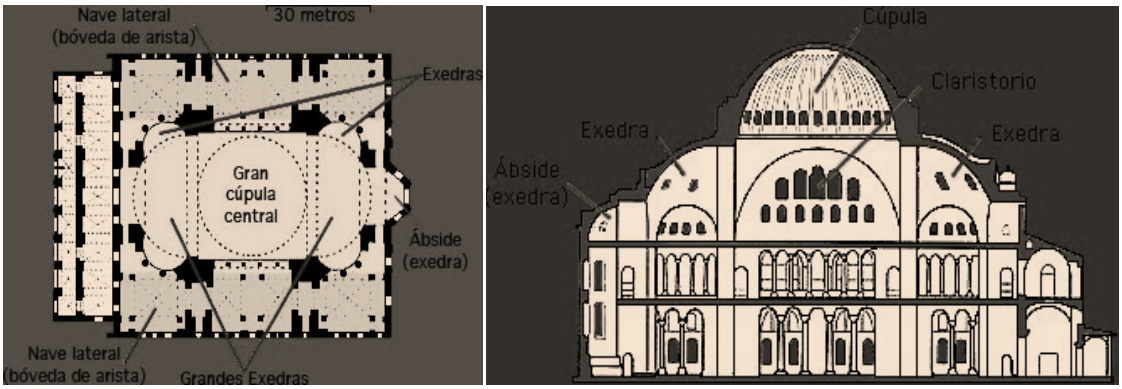
Fachada oeste



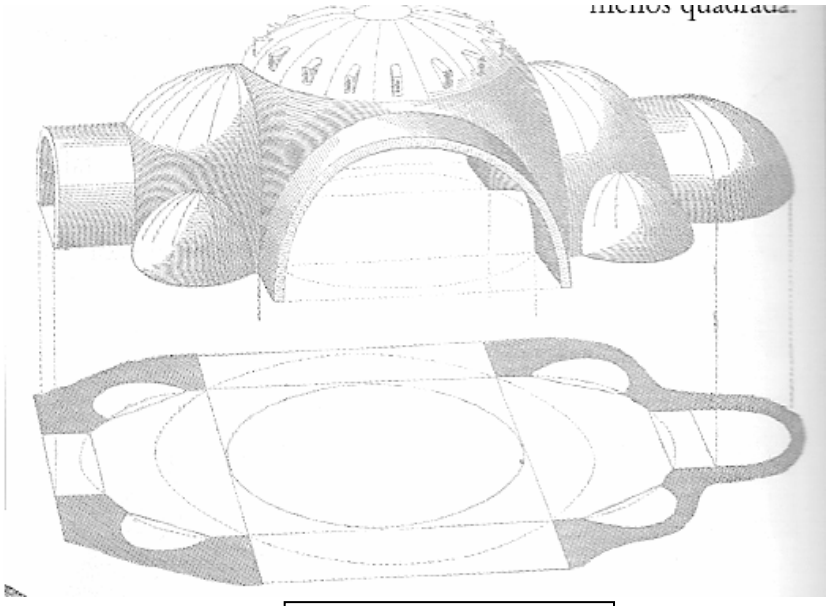
Vista axo

Artémio de Tralles e Isidoro de Mileto arquitectos conceberam, anos antes, sua planta que combinava o modelo basilical e a rotunda criando um edifício novo – apoiado

sobre a cúpula e com um sistema de contra-resto que incluía duas semi-cúpulas dispostas no eixo longitudinal do espaço.



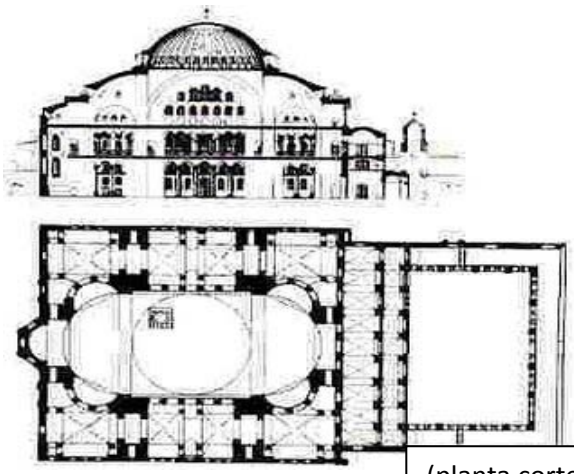
As semi-cúpulas repousavam por sua vez em dois pequenos nichos organizados na diagonal em relação ao eixo. Esta solução era original, pois rejeitava as filas de colunas que separavam as naves da basílica e as estruturas com deambulatórios concêntricos.

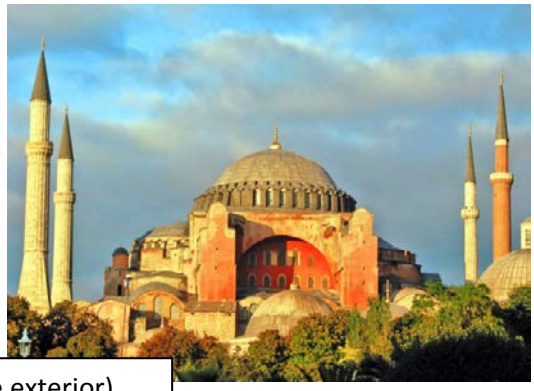


(cúpula, semi-cúpulas)

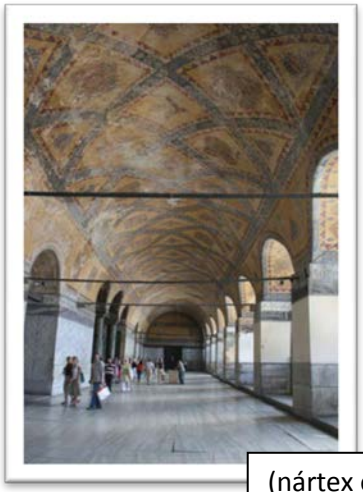
4.1. O exterior da basílica Santa Sofia - Semelhante ao dos outros edifícios estilo bizantino, atarracado, muito volumoso, o que evidencia a cúpula, os minaretes são um produto da invasão turca, as portas de entrada para Santa Sofia não estão decoradas com motivos bizantinos antigos. A entrada principal conduz-nos ao nártex exterior, que mede 60,9 metros de comprimento por 6,03 metros de largura e o seu tecto está repleto de arcos apoiados em colunas.

Na era bizantina o nártex exterior estava reservado para aqueles que ainda não tinham sido baptizados. As portas de acesso aos minaretes construídas na era Otomano encontram-se na ala norte e ala sul.





(planta,corte,exterior)



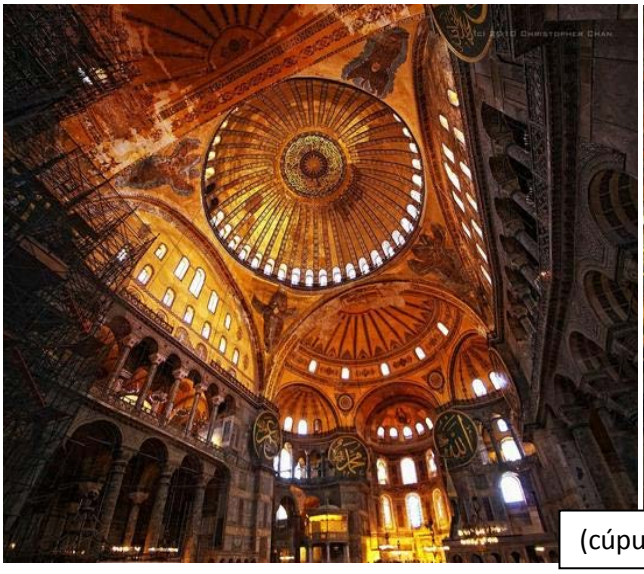
(nártex exterior)

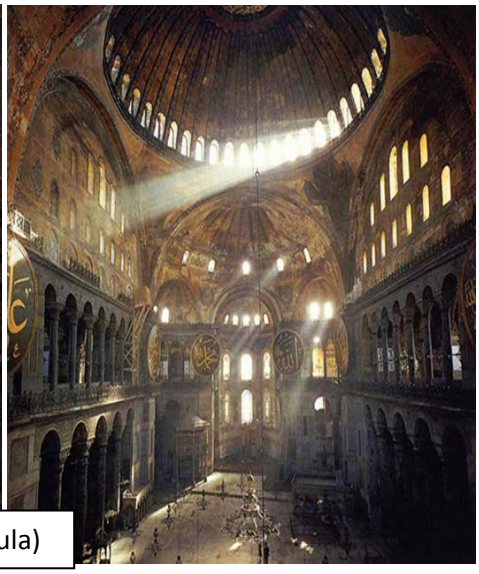
4.2. Nártex interior - os tectos estão cobertos de azulejo, e as paredes de mármore talhado. A abundância de cor, dos floreados e das formas geométricas no azulejo com fundo a ouro proporciona-nos uma magnífica aparência.

(nártex interior)

4.3. Nave Central - O interior, muito amplo, é uma complexa interacção de volumes côncavos e convexos. A enorme cúpula domina e as arcadas da nave central e das

exedras separam-nas das naves laterais envolventes, de tal modo que o núcleo central parece expandir-se para fora e para cima. No seu interior a sensação de peso desaparece, sob um requintado controle da luz, que desempenha um papel primordial na caracterização das formas e dos espaços, contribuindo para a unificação dos diferentes espaços numa solução plasticamente dinâmica baseada em dilatações e contracções.

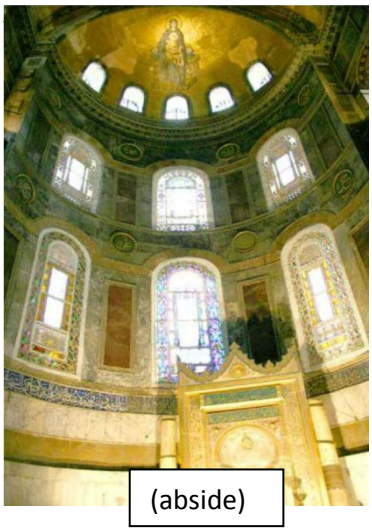




(cúpula)

4.4. A cúpula - cúpula é construída com tijolos de vidro e o seu interior é coberto com mosaicos decorativos brilhantes, desde o topo até a sua base. As quarenta janelas na base da cúpula são decoradas com mosaicos multicolor, a cúpula mede 31 m diâmetro e contem 40 nervuras.

4.5. Abside - A semi-cúpula da abside é completamente coberta de mosaicos. Quando o estuque foi removido em 1935, foi descoberto um painel representando a Virgem Maria com o menino Jesus ao colo. Nesta cena aparecem também dois anjos. O arcanjo Miguel, a norte, está destruído em quase toda a sua totalidade. O arcanjo Gabriel está em pé à direita, com um globo na sua mão esquerda, encontra-se também deteriorado.

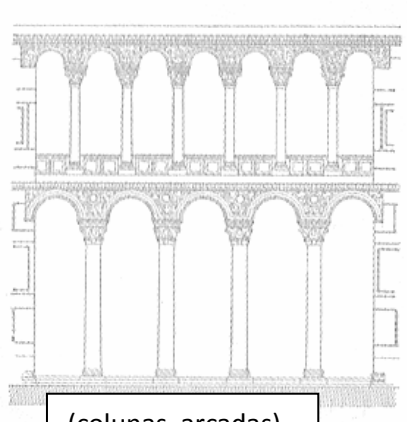


(abside)

4.6. Paredes (interior) - As paredes da nave principal estão cobertas de mármore até a parte superior da galeria. As paredes das naves laterais e do nártex interior estão cobertas com mármore desde o chão até ao teto. Estes valiosos mármores de todas as cores e de diferentes regiões do império foram especialmente escolhidos para Santa Sofia. Diz-se que o mármore branco, proveniente da ilha de Marmara (Proconnenus); o mármore verde, da ilha de Egriboze do Monte Tagetus: o mármore rosa de Synada; o mármore amarelo de África e o vermelho de África do Norte foram trazidos para Constantinopla. O mármore foi cortado de maneira a que os veios ficassem simétricos para criar padrões decorativos para adornar as paredes. Descrições gravadas na pedra em forma de painel encontram-se maioritariamente nas duas naves laterais, embora, alguns encontram-se por cima do portão imperial.

(paredes, mármore)

4.7. Colunas - O interior tem 107 colunas, 40 delas no nível do térreo e as demais na galeria superior. As mais importantes e maiores das 107 colunas estão no térreo, algumas delas trazidas de templos ainda mais antigos e de diferentes regiões do império, como do Templo de Artemis.



(colunas, arcadas)

4.8.Capiteis - capitéis e os arcos que os ligam são elementos importantes da beleza arquitectónica, são meticulosamente esculpidos num delicado rendilhado.

(capitéis)

A Igreja de Santa Sophia passou por diversas reparações, a primeira ocorreu em 558, quando em consequência de um terramoto a torre principal ruiu, sendo restaurada com aumento de altura. Em 1454, logo após a conquista de Constantinopla pelos turcos, foi transformada em mesquita: em cada ângulo externo se construíram quatro minaretes, tendo o interior do templo sido adaptada às necessidades do culto muçulmano; as figuras humanas de seus mosaicos desapareceram sob estuque.

(minaretes)

Em 1847-48 foi restaurada completamente pelo arquitecto Fossati, e em 1926 o domo, que estava em péssimo estado, foi reforçado pelo exterior e teve seu telhado substituído.

Santa Sofia (Hagia Sophia) era a glória da cidade, tendo influenciado a arquitectura de outras cidades como: Ravena, Veneza, Kiev, Moscou, sendo ainda hoje um dos monumentos arquitectónicos mais belos do mundo.

5. Conclusão - A Arte Bizantina foi o resultado de uma diversidade étnica, foi o ponto de fusão entre a Europa e a Ásia, com forte influência das civilizações orientais. No reinado de Justiniano, Constantinopla tornou-se a capital artística e politica no Império do Oriente, os grandes monumentos da época como por exemplo Santa Sofia espelham uma época que foi chamada a idade de ouro.

Através das suas expressões artísticas, principalmente através da sua arquitectura grandiosa e dos seus mosaicos, tornou-se um prolongamento do dogma e o desenvolvimento da doutrina cristã. As suas imagens representaram um maravilhoso espectáculo para a alma.

6. Bibliografia

	DVD - Cenário HISTORIA Editora Divisa Áudio Português, Espanhol, Inglês Dolby Digital 5.1 Formato Vídeo Widescreen 1.78:1 anamórfico Legendas Português, Espanhol, Inglês Formato DVD Duração 44 Minutos Número de Discos 1 Ano 2006
	DVD -National Geographic – Ancient Megastructures: Istanbul's Hagia Sophia Genre: Documentary Discover how the church of Hagia Sophia in Istanbul, rebuilt by the Roman Emperor Justinian, has survived 1,500 years of turbulent history.
	Livro - Nova História da Arte de Janson
saber sapo saber	http://wiki.sapo.pt/wiki/Imp%C3%A9rio_Bizantino
WIKIPÉDIA A enciclopédia livre	http://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Bizantino
Nossa Versão	http://www.nossaversao.pro.br/liturgia_detalhes.php?numero=63
	http://valiteratura.blogspot.com
	http://thiagohmlopes.blogspot.com
	http://www.adevaherranz.es/Arte/Universal/EDAD%20MEDIA/Bizancio/Bizancio.htm